

Prefácio

Marcio Souza

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SOUZA, M. Prefácio. In FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. CASA DE OSWALDO CRUZ. *A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1992. pp. VII-XII. ISBN 978-85-7541-307-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Prefácio

Velhas fotografias. Há algo de mágico nas velhas fotografias. E a primeira das sensações mágicas está no fato das velhas fotografias, pelo menos no Brasil, teimarem em resistir, perdurarem no abandono, superarem a umidade, o calor excessivo e o pouco caso que se dá à preservação da memória histórica nacional. Cada vez que me defronto com uma velha imagem brasileira, é com assombro e reverência que contemplo aquele instante do passado para sempre registrado em complicadas fórmulas químicas: sais de prata, líquidos malcheirosos, uma alquimia singela capaz de congelar o tempo, de apanhar o país em flagrante.

Uma das melhores manifestações de tal magia fotográfica está na coleção da Casa de Oswaldo Cruz. São aproximadamente 20 mil fotos, documentário magnífico de uma época em que fotografar era capturar o real, triunfo da ordem sobre a entropia e vitória da ciência sobre o caminhar inexorável do tempo. Imbuídos das certezas do pensamento positivista, os cientistas de Manguinhos, da mesma forma que os sertanistas de Rondon, os exploradores ingleses na África e os desbravadores do Ártico, adicionaram à sua equipe um novo tipo de cronista: o fotógrafo.

Estes novos cronistas, que tinham a capacidade de apanhar o mundo e domá-lo numa folha de cartão, portavam um equipamento complicado, que exigia um detalhado ritual e disponibilidade da luz solar para cumprir suas tarefas. A parafernália dos antigos profissionais da câmera já era em si uma cartola de mágico. Mas o que impressionava, na convenção do preto e branco, era a capacidade da fotografia transformar os gestos em instantâneos, a memória finalmente apanhada num suporte químico. Era este o fascínio que fazia dos lances aventureiros um trabalho para os fotógrafos.

Mas ao lado do caráter mágico da fotografia, os pioneiros de sua utilização se encantavam com a capacidade da nova técnica em ser veraz, afirmar-se perante as pessoas comuns como algo que logo merecia credibilidade, prova irrefutável e documento incontestável.

Esta coleção de antigas fotografias da Casa de Oswaldo Cruz faz-me lembrar de um dos muitos escândalos célebres, de repercussão internacional, que envolveram a região amazônica. Um escândalo em que a fotografia, bem como ainda incipiente cinematógrafo de época, desempenharam um papel importante como sinônimos da verdade.

Entre os meados do século XIX e a I Guerra Mundial a região amazônica viveu um período de euforia econômica, conhecida como “ciclo da borracha”. Detentora do monopólio da produção do látex, matéria-prima fundamental para o

desenvolvimento da tecnologia da segunda fase da revolução industrial, a região proporcionava o acúmulo rápido de grandes fortunas e a desenfreada exploração dos menos aquinhoados pela sorte. Um dos barões do látex mais poderosos era o empresário Júlio Cesar Araña, proprietário de imensos seringais no rio Putumaio, já no território peruano. Araña era um senhor tão completo de seus domínios e pontificava com tamanha desenvoltura no mercado do látex, que seus contemporâneos o chamavam de “el socio de Dios”. Os principais parceiros de Araña nos negócios da borracha eram influentes empresários ingleses.

Em 1907, um jovem de 21 anos, natural dos Estados Unidos, estava viajando pela Amazônia. Chamava-se Walter Ernst Hardenburg, e tinha a ambição de conhecer toda a fabulosa América do Sul. Inadvertidamente, ele um dia entrou no rio Putumaio, atravessou os domínios de Araña, algo em torno de 500 mil quilômetros quadrados, o que dava para receber umas quatro Inglaterra lá dentro. O relato completo da aventura está publicado no livro *O paraíso do diabo*, cujo título muito bem informa sobre o teor das impressões de Hardenburg.

Quando atravessava o Putumaio, Hardenburg é preso por um grupo de jagunços a serviço de Araña. Sob a mira de winchesters, recebeu “empurrões, pontapés, pancadas, insultos e abusos, de forma muito covarde (...) sem termos oportunidade de dizer uma palavra”. Levados para a sede do seringal, ali foram postos numa prisão, onde presenciaram inúmeros horrores, como o estupro de uma mulher grávida por “um monstro humano, com a única intenção de saciar sua animal sede de lascívia (...) e apesar dos gritos de agonia da infeliz criatura, violentou-a sem piedade”.

O próprio Hardenburg resumiu num decálogo o conjunto de denúncias de seu livro:

1. Os índios eram mantidos sob o regime da escravidão.
2. Eram mantidos nus.
3. Mulheres e filhos eram vendidos ou distribuídos aos elementos civilizados.
4. Mulheres jovens e meninas eram vendidas em Iquitos por 20 ou 40 libras.
5. Eram açoitados até descarnarem.
6. Não recebiam nenhum tratamento médico e muitos morriam.
7. Como castigo, tinham seus dedos, orelhas, braços, pernas e testículos amputados.
8. Eram torturados e crucificados de cabeça para baixo.

9. Crianças de colo tinham a cabeça esmagada contra uma árvore.
10. Quando não podiam mais trabalhar, os velhos, doentes e os exaustos eram fuzilados. Alguns eram mortos por divertimento, em festas como o sábado de Aleluia.

As consciências liberais do mundo ficaram chocadas. Em Londres, a Sociedade Abolicionista lançou uma campanha de denúncia, enfatizando a presença de capitais ingleses no empreendimento do rio Putumaio. Os sócios de Araña ficaram apavorados e trataram de minimizar os fatos. Mas os relatos de Hardenburg, publicados no jornal *Truth*, eram irrefutáveis, e Sir Edward Grey, ministro do Exterior do Império, acabou por criar uma comissão de inquérito, levando os Araña e seus sócios ao banco dos réus.

É neste momento que Júlio Cesar Araña tem uma idéia diabólica, levar perante os juízes londrinos uma prova irretorquível, algo capaz de trazer o próprio rio Putumaio ao tribunal e mostrar o quanto ele era um empresário humano, amigo de seus trabalhadores e simples vítima de uma tentativa de difamação movida por interesses pecuniários mesquinhos.

Vivia em Manaus um fotógrafo chamado Silvino Santos, um dos muitos aventureiros que ali tentavam fazer fortuna. Oriundo de Portugal, escolhera o ofício um tanto por acaso, já que não desejava ir para o corte da seringa. Era um bom artesão e realizara alguns trabalhos para a firma de Araña, mas nada indicava que seu futuro reservasse algo mais excitante que as complicadas poses dos elegantes enfarpelados que freqüentavam seu estúdio. Araña, então, contrata Silvino Santos para fazer um filme documentário sobre suas propriedades no Putumaio, e como o jovem e ousado fotógrafo português nada entendesse de cinema, pagou-lhe uma viagem a Paris e um estágio nas usinas da Pathé.

De volta à Europa em 1917, Silvino Santos vai para o rio Putumaio, com equipamentos moderníssimos, inclusive um laboratório de revelação portátil, onde realiza seu filme em

pouco mais de um mês. Seu patrão necessitava do filme pronto o mais rápido possível, pois em breve o tribunal daria a sentença.

No caso de Araña e a justiça inglesa, a causa foi ganha pelo tempo. Em 1918, quando o tribunal finalmente deveria se pronunciar, a Amazônia já não detinha o monopólio do látex e as propriedades do Putumaio rendiam um lucro medíocre aos seus acionistas. Assim, o caso foi arquivado e esquecido. Quanto ao filme, nem chegou ao destino, perecendo a única cópia e negativo num naufrágio no rio Amazonas. Restaram, no entanto, as fotos de filmagem e uma seqüência em que Araña chega ao seu seringal a bordo de um magnífico gaiola. Silvino Santos tornou-se um dos pioneiros do cinema brasileiro, autor de uma obra-prima do documentarismo que é *No País das Amazonas*.

A sagacidade de Júlio Cesar Araña, que vislumbrou a possibilidade de fazer uma contrafacção da verdade com aquilo que era a apreensão mais perfeita da verdade, na época, a fotografia animada, bem mostra o peso da magia e do fascínio daquela técnica aos homens do alvorecer do século XX.

Bem, o século XX, neste seu entardecer, tem sido o século do audiovisual. E a coleção de fotos reunidas neste volume bem registram o espírito de um tempo. O mesmo tempo dos cientistas de Manguinhos, que faziam da fotografia um instrumento para inventariar e comprovar a realidade invisível do campo brasileiro, e de Júlio Cesar Araña, que tentou fazer da técnica uma mera ilusão propagandística.

O surpreendente é que ambas as posições sucumbiam à magia da nova arte, renunciando uma revolução na iconografia e nas técnicas de documentação, porque o mundo nunca se cansará de oferecer-se como espetáculo para o clique do fotógrafo.

Marcio Souza
Escritor